

EDITAL DE INSCRIÇÃO (RESUMO EXPANDIDO) - COMUNICAÇÃO

**ALEGORIA COMO MEDIAÇÃO ENTRE ESCRITURA E REALIDADE: A
PARÁBOLA DOS VINHATEIROS MAUS E OS DESAFIOS DA LIDERANÇA
CRISTÃ HOJE**

Rafael Assiz Da Silva Alves (rafaelalves6_ims@a.metodista.br)

ALEGORIA COMO MEDIAÇÃO ENTRE ESCRITURA E REALIDADE: A
PARÁBOLA DOS VINHATEIROS MAUS E OS DESAFIOS DA LIDERANÇA
CRISTÃ HOJE

Rafael Assiz da Silva Alves

A parábola dos vinhateiros maus (Mt 21.33-46) revela um dos momentos mais tensos do confronto entre Jesus e as autoridades religiosas de Jerusalém. O Messias denuncia simbolicamente a infidelidade dos líderes responsáveis por conduzir o povo de Deus. A parábola é marcada pela violência contra os servos enviados e culmina no assassinato do filho do dono da vinha, representando de forma alegórica a rejeição do Filho de Deus. A parábola é uma profecia em forma narrativa, na qual a história da salvação se condensa em drama simbólico.

Desde cedo, a tradição patrística leu esse texto em chave alegórica, considerando-o não somente um episódio histórico, mas um paradigma teológico para compreender a relação entre Deus, sua vinha e as lideranças

religiosas. Os lavradores são os príncipes e os escribas, que não cuidaram da vinha, mas mataram o herdeiro. A leitura identifica claramente os líderes infiéis de Israel como destinatários da denúncia, mas amplia a interpretação para qualquer realidade onde o povo de Deus seja mal conduzido. O Senhor não retirou o campo, mas os maus trabalhadores. A vinha permanece, confiada a outros que deem frutos. Isso mostra que a infidelidade não esgota a missão da Igreja, mas indica a necessidade de substituição de lideranças quando estas se tornam obstáculos à missão.

A hermenêutica patrística, ainda que marcada por seu contexto, oferece uma contribuição essencial para o debate contemporâneo: a alegoria funciona como mediação entre a Escritura e a realidade. A alegoria não é evasão da história, mas sua transfiguração à luz do mistério pascal. Tal perspectiva impede que a parábola seja lida como simples narrativa moralizante ou registro histórico, devolvendo-lhe a força profética de interpelar contextos diversos ao longo da história.

No campo sociológico, as estruturas religiosas podem reproduzir dinâmicas de dominação semelhantes às denunciadas por Jesus, o poder simbólico atua como uma forma de poder que se exerce somente com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos. Esse diagnóstico demonstra como lideranças religiosas podem legitimar práticas abusivas por meio de símbolos sagrados. O carisma, quando institucionalizado, tende à burocratização, degenerando em estruturas de poder que se distanciam da experiência originária do Espírito.

No Brasil contemporâneo, o contexto neopentecostal se torna um terreno fértil para a aplicação dessa crítica. As igrejas neopentecostais frequentemente “instrumentalizam a religião como recurso de poder e capital simbólico”, utilizando a teologia da prosperidade e práticas de manipulação espiritual para legitimar a autoridade de seus líderes. Essa realidade ecoa o comportamento dos vinhateiros da parábola: usurpadores da vinha, que se apropriam dos frutos sem reconhecer o senhorio de Deus.

O Senhor confiou a vinha para produzirem frutos de justiça, mas eles a transformaram em ocasião de violência e morte. Não se trata somente de Israel, mas de todo aquele que, recebendo dons de Deus, os converte em instrumentos de injustiça.

Essa leitura amplia a aplicação da parábola, indicando que o problema não se restringe ao primeiro século, mas se repete sempre que a liderança religiosa se distancia da fidelidade ao Evangelho.

Assim, a parábola dos vinhateiros maus permanece como denúncia profética contra toda liderança que, ao invés de servir ao Reino, centraliza o poder, mercantiliza a fé e manipula o sagrado.

A alegoria funciona como mediação entre a Escritura e a realidade, em sua dimensão espiritual e histórica, torna-se chave hermenêutica para discernir os desafios atuais da Igreja, avaliando a liderança cristã à luz do critério do Evangelho, lembrando que a vinha pertence ao Senhor e a rejeição do Filho é sempre a mais grave forma de infidelidade.

O critério último da liderança cristã não é a eficácia institucional nem a visibilidade social, mas a capacidade de permanecer fiel ao Filho rejeitado e agora exaltado como pedra angular (Mt 21.42).

Palavras-chave: parábola; alegoria; vinhateiros; rejeição; liderança.